

mesma degradação. Bandalheira, libidinagem, libertinagem, licenciosidade, assim é que a nossa outrora “maior festa popular” é vista atualmente pelos responsáveis pela saúde pública do país.

(...) Fazer da camisinha o símbolo do Carnaval é confessar que o reinado de Momo se transformou numa bacanal coletiva. E que, portanto, no Carnaval, as transas sexuais vão campear; o vírus da Aids se transmite no ato sexual; o maior grupo de risco são os homossexuais (o que geralmente se omite). (...) Ora, se o grande perigo está na conjunção sexual com parceiros mais ou menos aleatórios, que faz a propaganda das camisinhas senão instigar uma prática que sabidamente é a maior portadora do mortífero vírus?

A questão é vista de um ângulo totalmente deslocado. Sem dúvida a natureza dotou o homem e a mulher de órgãos sexuais que garantem a perpetuação da espécie. (...) mas o homem não é simplesmente um animal; é essencialmente um ser moral, dotado de consciência e, portanto, capaz de avaliar a distância entre o bem e o mal. Ora, uma campanha séria, eficaz e decente contra a propagação da Aids só poderia ser feita, na linha do homem enquanto ser moral, isto é, dotado do poder de escolher racionalmente entre o bem e o mal. Que fazem porém as nossas autoridades sanitárias? (...) Encaram os cidadãos como brutos e montam o seu (pseudo) combate à Aids na linha animalisca. Claro que assim apenas incitam os machos e as fêmeas a caminharem no sentido da própria destruição. Depois da folia, virão as lágrimas do arrependimento. E aí já será tarde. (...)

(*O Globo*, edição não-identificada)

*

Combate à Aids

Lamentável, inoperante e por certo altamente custosa a trilha pornográfica que andou sendo exibida em nossos complacentes televisores a título de combate contra a propagação da Aids e, o que é sumamente grave, com a chancela do próprio Ministério da Saúde. Protestou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, mas infelizmente a mídia (e não mídia, pois não somos anglófonos), com exceção talvez do Globo, não deu à crítica o relevo que merecia. A forma debochada com que o filmezinho se apresenta é um insulto à sociedade brasileira, que não se encontra no nível de degradação que dita propaganda pressupõe. O próprio Globo tem agasalhado cartas de leitores de aplausos às providências tomadas pelo prefeito César Maia, no sentido de impedir a exposição nas bancas de jornais de ilustrações de capas de revistas incompatíveis com a moralidade pública. Que dizer então de projeções indecorosas que penetram em nossos lares, noite e dia, sem pedir licença? Além de ofensiva ao

pudor, tal propaganda é ineficiente e contraproducente. Todos sabemos que, no combate à Aids a decantada camisinha é de pouco ou nenhum valor – de fato não passa de reles incentivo à prática de atos libidinosos e dissolutos. Como consta do texto da CNBB: “usar a camisinha... deseduca e estimula o sexo desregrado”. À frente do Ministério da Saúde se encontra um cidadão que, pelo exemplo de sua vida, profissional e altas virtudes pessoais, conquistou o apreço e o respeito da Nação: o dr. Adib Jatene. É, pois, impensável que ele tenha concordado com esse tipo de corrupção. Está no Globo: “O ministro concordou com a posição da Igreja, mas disse aos bispos que cedera aos argumentos dos técnicos do Ministério”. Deus do céu, que técnicos. De uma só cajadada, indispueram o Governo com as altas autoridades eclesiásticas, afrontaram a família brasileira e chegaram a comprometer a imagem do próprio presidente da República, a cuja orientação obedecem os seus ministros. Com tanta competência, a campanha não resvala para a vulgaridade, simplesmente chafurda na obscenidade.

[Carta aos leitores]
JB, 13/05/1995

*

Show milionário no Ano Novo

Sr. Redator:

O show milionário que o nosso alcaide fez realizar na entrada do Ano Novo converteu-se em mais uma desastrada homenagem à memória do saudoso Tom Jobim. Não só o brilho e a vibração popular foram menores que os do ano passado, como é voz corrente, mas principalmente a divulgação dos elevados cachês pagos aos participantes do espetáculo chocaram a gente carioca, num momento em que a saúde e o ensino andam ao descabro no município e no estado, com médicos e professores miseravelmente pagos, sob a alegação de falta de recursos.

Em defesa dos artistas integrantes do show, escreveu o festejado cantor e compositor Caetano Veloso desabrida carta (ou artigo?) a esse jornal, cujos termos não lhe dão sombra de razão, nem lhe honram a inteligência. O fato é que o maldado show repercutiu negativamente nos vários cantos da cidade, e não será com tardios apelos a uma desbotada demagogia que se poderão justificar gastos tão altos quão inúteis e inoportunos. Venho, pois, congratular-me com os leitores agredidos e com eles identificar-me.

Sílvio Elia